

Pontuação: a gramática da legibilidade

Telma Weisz

As cartilhas e os livros didáticos costumam apresentar a pontuação como um conjunto de sinais: o ponto (para descansar), a vírgula (para dar uma respiradinha), exclamação e interrogação (para indicar a entonação) etc. Essa abordagem trata a pontuação como recurso gráfico cuja função é auxiliar a leitura em voz alta. Muito provavelmente essa concepção do papel da pontuação tem origem numa tradição de muitos séculos atrás, vinda da Antigüidade, quando os livros eram copiados à mão e a única leitura que se conhecia era a leitura em voz alta. Nesse tempo, era o leitor quem fazia marcas no texto para guiar a sua leitura: ele estudava esse texto exaustivamente pois precisava estabelecer o sentido para poder recitá-lo, como um ator.

Mas as práticas sociais de leitura mudaram muito desde o final da Idade Média. Malcolm Parkes conta que foram os monges copistas irlandeses e ingleses que introduziram uma variedade de elementos gráficos nos livros que copiavam à mão, elementos cuja função era ajudar o leitor a compreender o texto:

“Estas práticas dos copistas insulares foram desenvolvidas em resposta às necessidades de leitores para os quais o latim era uma segunda língua (...). Esses escritos ingleses e irlandeses inventavam, assim, os rudimentos de uma gramática de “legibilidade”, válida tanto para as escritas novas, quanto para as antigas, o que deve ter ajudado muito seus leitores.”¹

Mas o que vem a ser essa “gramática da legibilidade”? Em primeiro lugar é importante notar que a expressão é uma metáfora, que o termo gramática aqui é utilizado por analogia e não no sentido estrito. Parkes descreve isso que ele chama de gramática da legibilidade como: “um conjunto de procedimentos de escrita cujo objetivo é instruir a leitura”. E como a pontuação instrui, orienta, o leitor? Ela o faz dividindo o texto em **unidades de processamento de leitura**. Isto é, ela indica ao leitor o que deve ser processado, lido, junto e o que deve ser considerado separadamente.

Vamos analisar um dos textos propostos na atividade inicial desta unidade — o fragmento do conto A Ilha Desconhecida de José Saramago — para tentar tornar mais clara esta redefinição da função da pontuação.

Observem as duas versões abaixo: na coluna da esquerda, a pontuação do autor, na da direita, a forma mais convencional. Reparem que, apesar de em geral não serem os mesmos os sinais utilizados, os lugares são exatamente os mesmos. Os sinais de pontuação delimitam, dos dois lados, as unidades de processamento

¹ “Ler, escrever, interpretar o texto: práticas monásticas na alta Idade Média” in: CAVALLLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (orgs.) *História da Leitura no Mundo Ocidental*, Volume I, São Paulo: Ática, 1998, p.110.

da leitura, os blocos de sentido. Definem fronteiras que indicam ao leitor o que deve ser lido junto e o que, ao contrário, deve ser lido separadamente. Para ajudar a visualização, colocamos dentro de colchetes o conjunto dos sinais que definem cada uma dessas fronteiras.

Pontuação do autor/Saramago	Pontuação convencional
<p>[E] tu para que queres um barco[,] pode-se saber[,] foi o que o rei de facto perguntou quando finalmente se deu por instalado[,] com sofrível comodidade[,] na cadeira da mulher da limpeza[, P]ara ir à procura da ilha desconhecida[,] respondeu o homem[, Q]ue ilha desconhecida[,] perguntou o rei disfarçando o riso[,] como se tivesse na frente um louco varrido[,] dos que têm a mania das navegações[,] a quem não seria bom contrariar logo de entrada[, A] ilha desconhecida[,] repetiu o homem[, D]isparate[,] já não há ilhas desconhecidas[, Q]uem foi que te disse[,] rei[,] que já não há ilhas desconhecidas[, E]stão todas nos mapas[, N]os mapas só estão as ilhas conhecidas[, E] que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura[, S]e eu to pudesse dizer[,] então não seria desconhecida (...)</p>	<p>[...— E] tu para que queres um barco[,] pode-se saber[? — F]oi o que o rei de facto perguntou quando finalmente se deu por instalado[,] com sofrível comodidade, na cadeira da mulher da limpeza[.....</p> <p>...— P]ara ir à procura da ilha desconhecida[. — R]espondeu o homem[.....</p> <p>...</p> <p>...— Q]ue ilha desconhecida[? — P]erguntou o rei disfarçando o riso[,] como se tivesse na frente um louco varrido[,] dos que têm a mania das navegações[,] a quem não seria bom contrariar logo de entrada[.....</p> <p>...</p> <p>...— A] ilha desconhecida[.— R]epetiu o homem[.....</p> <p>...—D]isparate, já não há ilhas desconhecidas[.....</p> <p>..</p> <p>...— Q]uem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas[?.....</p> <p>...— E]stão todas nos mapas[.....</p> <p>...— N]os mapas só estão as ilhas conhecidas[.....</p> <p>..</p> <p>...— E] que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura[?.....</p> <p>...— S]e eu to pudesse dizer[,] então não seria desconhecida (...)</p>

Observem que, ao contrário do que costumamos pensar, os espaços em branco e as maiúsculas também são parte dos recursos que usamos para garantir a legibilidade do texto. Por exemplo: para indicar a mudança de falante no diálogo, Saramago usa [vírgula + maiúscula] enquanto nós costumamos usar o [ponto

parágrafo + travessão], representado graficamente por [ponto + quebra de linha + alínea² + travessão + maiúscula]. Para indicar quem acabou de falar, vemos na coluna da esquerda uma simples [vírgula], enquanto na da direita temos [ponto+ travessão + maiúscula]. O que diferencia as duas formas de pontuar é a função atribuída aos sinais e conjuntos de sinais. No entanto, ambas são legíveis pois em ambas há um **sistema de pontuação** — sistemas diferentes, mas ambos sistemas. Podemos chamar ambos de sistema porque os sinais ou conjuntos de sinais gráficos têm seu valor e função definidos uns em relação aos outros, formando um conjunto coerente que faz sentido para o leitor pois cada elemento ou conjunto de elementos indica sempre a mesma coisa. O fato de sua estranha pontuação formar um sistema é exatamente o que nos permite ler a obra de Saramago — o único escritor em língua portuguesa que recebeu, até hoje, o prêmio nobel de literatura—, sem que para isso seja necessária qualquer instrução específica. Ultrapassado o inevitável estranhamento inicial, sua pontuação se torna “transparente”, isto é, passamos a não reparar mais nela e seguimos lendo normalmente. Mas qualquer leitor de Saramago sabe que ele é um escritor que exige bastante do leitor: é preciso ler com atenção pois ele evita as redundâncias, ao contrário da pontuação convencional que utiliza muito mais elementos, como vemos na coluna da direita.

Vamos agora analisar um outro fragmento de texto literário. No parágrafo abaixo, Aníbal Machado, escritor modernista hoje pouco lembrado, recorre à pontuação (mas não só a ela), ou melhor à sua ausência para criar um efeito literário que ele mesmo chamou de “embolada”.

*EMBOLADA DO CRESCIMENTO — Enquanto a criança crescia a mãe arrumava a casa esperava o marido dormia ia à igreja conversava dormia outra vez regava as plantas arrumava a casa fazia compras acabava as costuras enquanto a criança crescia as tias chegavam à janela olhavam o tempo estendiam os tapetes imaginavam o casamento ralavam coco liam os crimes e os dias iam passando enquanto a criança dormia crescia pois o tempo parou para esperar que a criança crescesse.*³

Segundo Othon Garcia,⁴ “Essa idéia de sucessão dos dias está habilmente sugerida numa forma verbal efficacíssima para expressar continuidade: uma série de orações em fileira, em ladainha, justapostas, sem conjunções — na sua maior parte — nem vírgulas. Mas só os dias correm; o tempo, não. O tempo está ‘parado’, o tempo é de expectativa, está em compasso de espera.”

O que vimos no parágrafo acima analisado, e também no fragmento anterior, de Saramago, foi o uso da pontuação como recurso estilístico do autor. Compreender a pontuação como instrumento para obter efeitos estéticos no texto implica poder olhar para ela como um objeto mais complexo que um simples conjunto de regras que se aplica com critérios do tipo certo/errado. E, para

² Chama-se alínea ao espaço que deixamos no início da linha para indicar o início de um parágrafo. Atualmente é comum sua substituição por uma linha em branco intercalada entre os parágrafos.

³ MACHADO, Aníbal *João Ternura* Rio: José Olímpio, 1965. P.16

⁴ GARCIA, Othom Moacyr *Comunicação em Prosa Moderna* Rio: Fundação Getúlio Vargas, 1969(2ª edição), p. 92.

arrematar o tema “estilo”, uma autora que tem estado muito presente neste curso: Clarice Lispector.

“Houve um momento grande, parado, sem nada dentro. Dilatou os olhos, esperou. Nada veio. Branco. Mas de repente num estremecimento deram corda no dia e tudo começou a funcionar, a máquina trotando, o cigarro do pai fumegando, o silêncio, as folhinhas, os frangos pelados, a claridade, as coisas revivendo cheias de pressa como uma chaleira a ferver.”⁵

Como no fragmento anterior, de Aníbal Machado, aqui também a pontuação conduz o leitor à sensação do tempo que está sendo descrita. Enquanto o momento se dilata, as frases se reduzem induzindo a uma leitura mais "lenta" (observem que a primeira frase tem oito palavras, a segunda tem quatro, a terceira tem duas e a seguinte apenas uma). Quando acaba a suspensão do tempo, "de repente", o parágrafo termina com uma longa frase cortada por várias vírgulas que devolvem ao texto o ritmo da normalidade cotidiana.

A história mostra que as práticas sociais de leitura se transformam ao longo do tempo. Em apenas cinco séculos passamos da necessidade de copiar livros a mão para essa inundação de material impresso na qual estamos, quase, nos afogando. Houve mudanças impressionantes nas tecnologias de produção e difusão da escrita e, por conseqüência, nas práticas sociais de leitura. E também nas tecnologias de produção do texto. Hoje convivem o velho manuscrito, que atualmente só sobrevive na escola, o texto datilografado, já praticamente inexistente, o impresso em uma variedade enorme de suportes e, se impondo cada vez mais com a disseminação dos computadores, o texto virtual, digitalizado.

Este texto que você está lendo, por exemplo, escrito em computador e depois impresso é um exemplo claro de como a pontuação ou, nos termos de Parkes, a gramática da legibilidade, mudou e continua mudando. Observem a utilização do negrito para indicar a introdução de idéias importantes, o uso de itálico e o deslocamento do parágrafo para ajudar o leitor a antecipar que se trata de uma citação, as notas de rodapé para não sobrecarregar o leitor com informação que poderia romper o fluxo do texto e atrapalhar o entendimento. Estes são recursos já incorporados aos textos contemporâneos, que podemos dizer que já são parte do sistema de pontuação da língua.

Mas neste texto houve necessidade de introduzir outros recursos gráficos que não são compartilhados e que foram criados especialmente para você leitor, para ajudá-lo a compreender as idéias aqui expostas, para dar legibilidade a este texto em particular. São três os recursos: os colchetes, que usamos para ajudar a ver, como conjuntos, os sinais nas fronteiras dos blocos de sentido, as linhas — pontilhadas em cinza — para marcar os espaços em branco e a tabela, com duas colunas, para ajudar na comparação da pontuação de Saramago com a convencional. Como se pode ver, a pontuação em lugar de ser um conjunto

⁵ LISPECTOR, Clarice *Perto do Coração Selvagem* Rio: Rocco, 1998 (1ª edição 1944).

fechado de sinais e normas é um território aberto à criação. Tanto para tornar o texto mais belo como para torná-lo mais compreensível.

Para saber mais:

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (orgs.) *História da Leitura no Mundo Ocidental*, Volumes I e II, São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger *A Ordem dos Livros* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.